

APRESENTAÇÃO

O número 29 do Caderno Seminal propôs-se a refletir os desafios contemporâneos concernentes às Literaturas de Língua Portuguesa, na investigação de sua circulação, tanto nos espaços institucionais, quanto nos de outras esferas sociais que anunciam a sua situação de perigosa extinção ou a sua inquestionável função humanizadora.

Nesse mundo globalizado e midiaticizado, em que a leitura literária convencional perde espaço para todas as demais mídias, face, especialmente, às redes cibernéticas, como incrementar o gosto pela literatura e corresponder às expectativas que se lhe atribuem? Um depoimento e seis artigos - que compõem o Dossiê - propõem a reflexão acerca deste questionamento.

Em “Ensinar Literatura”, através do tocante testemunho de Nelson Rodrigues Filho, a evidência desta prática que percorre gerações, com impasses e deslumbres. Ainda na observância da trajetória da aprendizagem literária, Norma Sueli Rosa Lima propõe o “Itinerário do ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa”, no Brasil e em Portugal, a fim de avaliar a sua aproximação (ou afastamento) dos currículos e da formação docente.

Parte significativa dos colaboradores concentrou ponderações sobre o ato de ler em seu diálogo com a instrução literária, como ocorre em “Da leitura na escola para a leitura do mundo: roteiros de leitura como proposta pedagógica”, com Juracy Assmann Saraiva, Tatiane Kaspari e Márcia Rohr Velter compreendendo a literatura enquanto direito humano que pode formar leitores no âmbito da escola. Em perspectiva parecida, Maria Zilda da Cunha e Maria Auxiliadora Fontana Baseio elegem em “Estudos comparados de literaturas: possibilidades para o ensino” a importância do contato dos alunos com a fruição estética existente no diálogo entre textos africanos de língua portuguesa, através da abordagem de temáticas existenciais e sociais.

De forma muito oportuna, “Leitura literária e meta-aprendizado: reflexões e subsídios para o ensino de literatura no ensino fundamental”, de Rodrigo Corrêa Martins Machado, incentiva a circulação da literatura em séries escolares nas quais ela quase não costuma estar presente, principalmente depois da Reforma proposta pela Lei 5.695/1971, que restringiu o contato com obras e autores literários no segundo grau (atual ensino médio).

Demétrio Alves Paz e Pablo Lemos Berned relatam a experiência de um Projeto de Extensão destinado à Educação

Básica, que põs em contato professores e estudantes de Letras com contos das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

Finalizando o dossiê, “A literatura e as práticas docentes: um universo a ser explorado”, de Jussara Cristina Barboza Tortella e Simone Alves Pedersen, traz o resultado de uma pesquisa-ação que visa estimular a leitura entre docentes e gestores.

Na seção Tema Livre, nove contribuições abordam autores das Literaturas de Língua Portuguesa, traçando um rico painel destas produções contemporâneas ou de suas atualidades. Neste sentido, Valdemar Valente Junior em “Diálogos possíveis: Brasil e Cabo Verde no contexto da lusofonia” mostra que a vanguarda realizada pela “Revista Claridade”, de Cabo Verde, em sua interlocução com a Literatura Brasileira, ainda é palpitante.

A Literatura Portuguesa está representada no artigo “O narrador autoral, o leitor criança e a metaficção em ‘A maior flor do mundo’, de José Saramago”, de Mariana Cortez e Felipe Matias dos Santos, que objetiva investigar as estratégias narrativas para a abordagem do leitor infantil literário.

“Literatura e afrodescendência no Brasil: condições e possibilidades de emergência de um novo campo de estudos”, de Rafael Balseiro Zin, reivindica o protagonismo negro nos estudos literários ao mostrar as condições e as possibilidades

que propiciaram a emergência destes estudos no Brasil. Jurema José de Oliveira e Thiara Cruz de Oliveira enfatizam a importância da resistência da memória africana, representada por Moçambique, em “Ancestralidade: resistência cultural em ‘Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra’, de Mia Couto”.

Em contraponto, Ricardo Celestino e Marina Pastore elegem na literatura moçambicana um novo lugar para a criança na proposta de uma espécie de nova-topia não sintonizada com expectativas capitalistas. Silvia Helena Niederauer, Ilse Maria da Rosa Vivian e Isabele Corrêa Vasconcelos Fontes Pereira investigam, a perspectiva épica moderna, na literatura angolana, em “A epopeia na contemporaneidade: o ‘Império’ de Bloom, em ‘Uma viagem à Índia’, de Gonçalo M. Tavares”.

Na perspectiva da Literatura Brasileira (ou da Afro-brasileira), Michelle Cristine Medeiros Jacob e Viviany Moura Chaves com “A poética dos resíduos em ‘Quarto de despejo’: por uma dietética da escassez” abordam os diários de Carolina de Jesus no exame da escrita como mecanismo para produção de uma poética da dignidade no contexto da fome.

A relação entre a Literatura e outras linguagens também se faz presente com “Da adaptação à transcrição: olhares sobre as transposições televisivas de ‘O tempo e o vento’”,

que examina a adaptação livre para produções audiovisuais. A seção finaliza com a investigação de Aline Cristina Maziero sobre a obra da moçambicana Paulina Chiziane, a respeito das (im)possibilidades das realizações para o mundo feminino em espaços patriarcais.

Pensamos que este número do Caderno Seminal cumpre com a finalidade de oferecer variados ângulos para o exame da Literatura na sociedade contemporânea, tanto na perspectiva de sua institucionalização – quando tornada disciplina -, quanto na de sua recepção em outros espaços.

Flávio Garcia (UERJ)
Norma Lima (UERJ-FFP)
Editores do Número